

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE
História, Cultura e Sociedade

Mariana Aparecida Zuanetti

Woodstock: a pré-estreia da utopia

São Paulo
2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE
História, Cultura e Sociedade

Mariana Aparecida Zuanetti

Woodstock: a pré-estreia da utopia

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Especialista em História, sob orientação do professor Doutor Josias Abdalla Duarte.

São Paulo
2012

Woodstock: a pré-estreia da utopia

Mariana Aparecida Zuanetti

Resumo – O presente trabalho analisa aspectos da contracultura, movimento criado pela juventude em meados da década de 60, que contestava os tradicionais valores da sociedade norte-americana, no contexto do festival de Woodstock. Para isso, o trabalho foi dividido em duas partes: na primeira, será feito breve histórico acerca da juventude na década de 60, assim como os novos valores que surgem a partir da contracultura. Na segunda caberá a análise de tais valores em Woodstock.

Palavras-chave – contracultura, revolução, utopia.

Abstract – The present work analysis aspects of the counter-culture, movement created by young people in the middle of 60 decade, opposed to the traditional values of the United States society, on the Woodstock Music and Art Fair context. For this, the work was divided in two parts: In first, will be did short historical about the young people in 60 decade, just as new values so that arise with the counter-culture. In second belongs analysis from these new values at the Woodstock.

Keywords – counter-culture, revolution, utopia.

Histórico da Juventude norte-americana em meados da década de 60

Para analisar efetivamente um acontecimento como o festival de Woodstock, se faz necessária primeiramente uma breve análise acerca de sua atração principal: a juventude.

Os responsáveis pelos “três dias de paz e música” no verão de 1969 eram em sua maioria jovens, espalhados pelos bastidores, em cima do palco ou amontoados na platéia do histórico evento ocorrido na fazenda de Max Yasgur em Bethel, Nova Iorque.

Essa juventude protagonizou um dos mais interessantes movimentos culturais do século XX, no qual Woodstock está inserido: a contracultura. Mas qual o contexto de seu surgimento?

Durante a segunda metade da década de 1960, a sociedade norte-americana vivia as maravilhas decorrentes de um rápido processo de desenvolvimento econômico iniciado com o término da II Guerra Mundial. Os EUA começavam a se constituir então no primeiro exemplo de uma sociedade afluyente, tecnocrática, o que se materializou na afirmação do “american way of life”, um estilo de vida exportado com razoável sucesso

para todo o mundo ¹. Essa exportação do novo estilo de vida americano foi possível graças ao simultâneo avanço ocorrido nos meios de comunicação, quando valores, regras e comportamentos passaram a se difundir em um âmbito muito maior.

No entanto, esse mesmo avanço econômico será o grande responsável pelo surgimento da bipolaridade que caracterizou o período da Guerra Fria, gerando violentos conflitos em áreas estratégicas que interessavam EUA e URSS.

É neste contexto em que há o surgimento de movimentos liderados por jovens, contrários à estrutura social norte-americana. Mas qual o real motivo da contestação desses jovens?

Uma sociedade industrial desenvolvida, tal qual a norte-americana, é altamente autoritária, na medida em que, apoiada pelo cientificismo, visa o progresso, a modernização, a racionalidade e conseqüentemente, o aumento da produtividade e dos lucros, em detrimento dos fatores humanos e sociais. Além disso, embora possua amplo poder coercitivo, a tecnocracia prefere extrair-nos submissão explorando nossa profunda lealdade, manipulando as seguranças e bens materiais ² por ela proporcionados.

A contracultura surge, portanto, a partir do questionamento à tecnocracia, pois os criadores da primeira perceberão que toda a segurança econômica vinda da segunda não permite que as pessoas – e nisso se inclui principalmente seus pais – tenham consciência das muitas falhas existentes nessa sociedade, na época marcada por injustiças raciais e pelo conflito do Vietnã. Para esses jovens não bastava mudar as estruturas sem mudar a consciência das pessoas ³.

Tais mudanças, no entanto, não deveriam ocorrer apenas na consciência da classe média, mas também da classe trabalhadora, pois, tendo como influência os pensamentos de filósofos como Herbert Marcuse, os adeptos da contracultura subvertem a tese do marxismo clássico que afirma a vocação do proletariado ⁴ para a revolução, uma vez que, assim como os pertencentes à classe média, também haviam sido corrompidos pela mesma lógica. Daí o surgimento de uma Nova Esquerda (New Left), disposta a reformular aspectos da esquerda tradicional que, devido à disputa pela hegemonia mundial entre EUA e URSS, havia se tornado tão burocrática e

¹ PEREIRA, Carlos Alberto M. “O que é Contracultura”. São Paulo, Círculo do Livro, 1983, p. 76.

² ROSZAK, Theodore. A Contracultura – Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. 2º edição. Rio de Janeiro, Vozes, 1972 – p. 22.

³ FERREIRA, Neliane Maria. Paz e amor na Era de Aquário – A contracultura nos EUA. In: Cadernos de pesquisa do CDHIS – número especial – Vol. 33 – Ano 18 – 2005. p. 69.

⁴ MUGGIATI, Roberto. Rock: o grito e o mito – a música pop como forma de comunicação e contracultura. 2º edição. Rio de Janeiro, Vozes, 1973 – p. 24.

racionalizada quanto o próprio modelo capitalista. Em artigo intitulado “Paz e amor na Era de Aquário – a contracultura nos EUA”, a historiadora Neliane Maria Ferreira, relacionando a atuação da nova esquerda com a teoria de Herbert Marcuse, nos diz que:

“segundo Marcuse, a nova esquerda norte-americana não possuía uma ideologia definida, não considerava a classe trabalhadora como potencialmente revolucionária. Ela era constituída por intelectuais, grupos que lutavam pelos direitos civis e jovens considerados radicais – hippies – (...). A oposição estava organizada em dois pólos extremos da sociedade: as minorias raciais e demais marginalizados e a oposição estudantil oriunda da classe média. A luta empreendida naquele momento se diferenciou também, não só pelo seu estilo cultural, mas também porque se estabeleceu contra uma sociedade democrática e desenvolvida economicamente”⁵.

Todavia, é importante ressaltar que, ao contrário da juventude européia, bastante engajada politicamente com a esquerda, a nova esquerda norte-americana foi um movimento que, apesar de pregar profundas transformações na sociedade, não tinha bases políticas fortes. Segundo Theodore Roszak em “A Contracultura – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil”:

“(...) a ala esquerdista de nosso espectro político sempre foi pateticamente reduzida. Por isso, os jovens americanos se inclinam muito menos que seus colegas europeus a brandir a retórica do radicalismo. (...) Parece que foram os jovens americanos que compreenderam com mais lucidez que, conquanto fatos como a Guerra do Vietnã, a injustiça racial e a pobreza enquistada exijam certa dose de ativismo político ao velho estilo, a luta de nossos dias é contra (...) a tecnocracia, uma forma social mais desenvolvida nos EUA do que em qualquer outra sociedade. A juventude americana parece haver percebido mais depressa que na luta contra esse inimigo, as táticas convencionais de resistência política ocupam posição marginal, em grande parte restrita a crises imediatas de vida ou de morte”⁶.

Nesse sentido, temos como grande símbolo da contracultura a figura do hippie, o jovem pertencente a uma família burguesa, que abdica de toda a segurança econômica oferecida pela tecnocracia em nome da procura por sua liberdade individual, em um mundo à parte da sociedade desigual a qual antes pertenciam. Adeptos da não-violência,

⁵ FERREIRA, p. 68-69.

⁶ ROSZAK, p. 18-19.

portanto contrários à segregação racial e à Guerra do Vietnã, os hippies manifestavam-se contra tais eventos pacificamente.

O Movimento pelos Direitos Civis, liderado por Martin Luther King contou com o apoio efetivo dos revolucionários da contracultura. Tanto os preceitos pacifistas e de desobediência civil na luta pela igualdade de direitos, baseados na obra “A Desobediência Civil”, de Henry David Thoreau e no pensamento político do líder indiano Mahatma Gandhi, quanto a própria figura de Luther King já eram suficientes para a adesão desses jovens ao movimento. Em sua obra “O que é contracultura”, Carlos Alberto Pereira Masseder nos deixa claro o porquê:

“Para esse jovem branco, o negro é, ao mesmo tempo, um corajoso símbolo de rebeldia diante da opressão e de recusa diante de um estilo de vida contra o qual ele – filho do establishment – luta desesperadamente. Deste modo, o negro assume de certa forma, o papel de depositário de valores já nostalgicamente perdidos para o branco, e o encontro com ele (...) é o encontro com a força de uma vigorosa fonte natural de rebeldia e recusa”⁷.

Do mesmo modo, Roberto Muggiati em “Rock: o grito e o mito – a música pop como forma de comunicação e contracultura”, faz referência a um trecho de “On the Road”, do escritor beat Jack Kerouac – obra considerada uma espécie de “bíblia hippie” - relacionando a desilusão do jovem protagonista do romance Sal Paradise com a cultura branca e sua conseqüente simpatia por uma cultura diferente:

“Gostaria de ser um negro, pois sentia que o melhor que o mundo branco me oferecia não era êxtase suficiente para mim, nem suficiente vida, alegria, emoção, escuridão, música, noite. Gostaria de ser (...) tudo, menos aquilo que tão aridamente eu era, um ‘homem branco’ desiludido”⁸.

A partir da segunda metade da década de 60, o movimento hippie atinge seu auge, como uma manifestação cultural oposta aos valores estabelecidos pela tradicional sociedade norte-americana, estimulando a criação de um estilo de vida que contrastasse completamente com o típico “american way of life”.

A inspiração para esse novo estilo de vida veio da geração beat, movimento literário do final da década anterior, cuja produção em geral tendia a obedecer aos

⁷ PEREIRA, p. 85.

⁸ MUGGIATTI, P. 17.

instintos de uma cultura alternativa, ligada ao cotidiano, independente do reconhecimento da cultura oficializada pela sociedade⁹.

A partir disso, saem de casa e passam a habitar comunidades ou então se tornam nômades, fazendo viagens de carona estradas a fora. Tudo entre eles passa a ser dividido: comida, drogas, parceiros sexuais. As referidas drogas – em especial as alucinógenas, tal qual o LSD – assim como a prática de filosofias orientais – tais como o Zen Budismo, popularizado por Alan Watts e o Hare Krishna¹⁰ - eram utilizados como meio de expandir a mente, de alargar a consciência, em detrimento do racionalismo apregoadado pela sociedade vigente. O lema do guru do LSD Timothy Leary¹¹ - turn on, tune in, drop out (ligue-se, entre na onda, caia fora da sociedade) – é obedecido pelos hippies com um fervor evangélico¹².

A cultura hippie foi brilhantemente evidenciada no musical da Broadway “Hair”, de 1968, adaptado para o cinema 11 anos depois por Milos Forman e Michael Weller, deixando claro como eles utilizam uma consciência subjetiva, agindo de acordo com suas vontades e não guiados por padrões tradicionais de vida¹³.

Nesse contexto, é importante ressaltar a repulsa dessa juventude por modelos político-ideológicos. Segundo os historiadores Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte em “Movimentos Culturais de Juventude”, na visão do hippie:

“a partir da concepção do aqui e agora, é que se poderia agir politicamente e transformar a sociedade. Portanto, o homem político que abraça um modelo ideológico não conseguiria captar e agir sobre essa realidade instantânea, pois enquanto ele elege uma ideologia e descansa, a sua cabeça fica preguiçosa e estagnada. Dessa forma, a política institucional seria um jogo falso e desastroso porque seria feita por homens desatentos à realidade, escravizados por seus modelos ideológicos e por preconceitos”¹⁴.

A partir dessa concepção, surge o Youth International Party (Partido Internacional da Juventude), criado por Abbie Hoffman e Jerry Rubin, considerado o

⁹ FERREIRA, p. 70-71.

¹⁰ Trazido para os EUA em meados da década de 60 pelo guru indiano Swami Prabhupada, que fundou com a ajuda de hippies a “Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna”, difundida para o mundo a partir de então. Esse desdobramento do Hinduísmo teve grande influência na vida e na música do ex-Beatle George Harrison.

¹¹ Professor expulso da Universidade de Harvard devido às suas experiências com a droga.

¹² MUGGIATI, p. 21.

¹³ FERREIRA, p. 71.

¹⁴ BRANDÃO, Antônio Carlos/DUARTE, Milton Fernandes. Movimentos Culturais de Juventude. 12ª edição. São Paulo, Moderna, 1990 – p.51.

mais próximo de uma instituição política que o movimento da contracultura chegou, expressando talvez o início de uma convergência entre os projetos de revolução cultural e revolução política¹⁵.

Enfim, eis a atração principal de Woodstock: jovens descontentes com o mundo no qual estavam inseridos. Mundo este que pretendiam transformar não politicamente, mas sim através do questionamento da repressão internalizada em cada um¹⁶. Nesse sentido, dentre inúmeras manifestações culturais, a música terá papel fundamental no que se refere à busca por respostas a tal questionamento.

Música

As raízes do rock datam de meados da década de 1950, com a fusão do rhythm & blues negro e o country & western do branco oriundo da zona rural norte-americana. Assim, o rhythm & blues passa a trazer aquela dimensão existencial que falta à canção comercial branca. A divulgação de formas do rhythm & blues muitas vezes se faz através de artistas brancos, criados na tradição do country & western, como Elvis Presley: as duas correntes se interpenetram e começa a surgir um novo tipo de música¹⁷, o rock'n'roll.

No entanto, ao contrário do rock'n'roll, feito por músicos mais velhos para um público jovem, o rock da década seguinte é feito por músicos jovens para jovens. Esses jovens começam a desenvolver em sua geração uma consciência crítica¹⁸ do mundo no qual estavam inseridos, fundamental para o desenvolvimento dos movimentos de contracultura.

Neste contexto, se faz necessária referência acerca de uma outra escola musical, anterior ao rock sessentista: a folk song, influenciada por raízes folclóricas norte-americanas, na qual o apelo tende para a reflexão sobre os problemas da sociedade. No que se refere ao movimento folk, há nomes de grande importância como Joan Baez, Richie Havens, Melanie Safka, Simon & Garfunkel, todavia, Bob Dylan, cuja obra durante a primeira metade da década de 60, está repleta de denúncias contra a guerra, aos preconceitos raciais e a tecnocracia, torna-se referência e conseqüentemente, um

¹⁵ PEREIRA, p. 110.

¹⁶ PEREIRA, p. 108.

¹⁷ MUGGIATI, p. 35.

¹⁸ MUGGIATI, P. 47.

exemplo a ser seguido por parte da juventude norte-americana. Seu primeiro grande sucesso, “Blowing in the Wind”, de 1962, tornou-se o hino da luta pelos direitos civis.

Mas a partir da segunda metade da década de 60, Dylan se distancia da canção de protesto. Suas letras não são mais tão claras, a linguagem se torna mais vaga e mais surrealista. Suas longas descrições ainda opõem, em contraste marcado, miséria e riqueza. Mas o conceito de miséria se torna mais amplo, vai além do meramente econômico¹⁹. Após sua apresentação no festival de Newport, em 1965, acompanhado de uma guitarra elétrica – o que culminou em uma vaia da platéia o acusando de trair o movimento folk – há o desenvolvimento do Folk Rock, através de grupos influenciados pela obra de Dylan como The Byrds, Country Joe and the Fish, Creedence Clearwater Revival, Buffalo Springfield, entre outros.

Nesta mesma época, na Inglaterra, o rock’n’roll cinquentista norte-americano ressurgiu com força, entretanto passa por uma radical transformação, tornando-se apenas Rock. Os dois grupos, de certa forma responsáveis por tal transformação foram os Beatles e os Rolling Stones, que “encarnaram as duas forças básicas que engendraram toda a convulsão cultural dos anos 60”²⁰.

Os primeiros, a partir de 1965, inauguram a era do experimentalismo eletrônico na música pop, através de álbuns como “Revolver” e a “nona sinfonia da geração hippie”²¹, “Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band”. Os segundos, formados com uma forte base no rhythm & blues evidenciada em praticamente todos os seus álbuns, tinham Mick Jagger como a figura central do grupo devido ao seu jeito agressivo e provocador.
22

Diferenças a parte, os Beatles e os Rolling Stones, cada um a sua maneira, foram a base para uma revolução cultural²³. Ao longo de suas carreiras, os Beatles foram se tornando cada vez mais experimentais, requintados, detalhistas; os Stones, enraizados na tradição negra, básicos, intuitivos; aqueles cresciam dentro de um estúdio, elaborando novas técnicas e truques, estes, nas apresentações ao vivo, com uma força primitiva incontrolável²⁴.

¹⁹ MUGGIATI, p. 20.

²⁰ BRANDÃO/DUARTE, p. 47.

²¹ MUGGIATI, p. 21.

²² PEREIRA, P. 94-95.

²³ O sucesso dos Beatles e dos Stones irá estimular a formação de importantes grupos britânicos como The Who, The Animals, Cream, entre outros, além de influenciar o cenário musical nos EUA a partir da segunda metade da década de 60.

²⁴ BRANDÃO/DUARTE, p. 48.

Voltando aos EUA, a cidade de São Francisco assistiu a uma proliferação de grupos e tendências musicais²⁵, desde o soul rock de Sly and the Family Stone ao rock latino de Santana. No entanto, a referência básica do cenário musical de São Francisco foi o acid rock, escola que, através de espaços musicais abstratos – influenciados pelo experimentalismo eletrônico iniciado pelos Beatles – procuravam reproduzir o efeito sonoro e as sensações causadas pela experiência com alucinógenos. Muitos são os grupos adeptos dessa nova vertente, sendo um dos mais bem sucedidos o Jefferson Airplane que, mesmo tendo produzido importantes trabalhos fora deste estilo posteriormente, em seu histórico LP de estréia “Surrealistic Pillow”, o Airplane lança, através da voz marcante de Grace Slick, o seu grito de guerra “feed your head” – alimente a cuca - ²⁶, na faixa-hino do álbum, “White Rabbit”.

Ainda fazendo referência à cena musical de São Francisco, convém mencionar o nome do produtor musical Bill Graham, criador do Fillmore West, casa de espetáculos responsável por lançar grupos como o próprio Airplane, Santana, Grateful Dead e outros. Em entrevista para o livro “Woodstock”, John Morris, parceiro de Graham no Fillmore diz que “quando ele abriu o Fillmore West, a casa se tornou o lugar natural para todas as bandas começarem e acontecerem” ²⁷. Foi Morris quem convenceu Graham, após o sucesso do Fillmore West de São Francisco, a fundar, em 1968, o Fillmore East, em Nova Iorque, levando a cena musical que construía no Oeste para a Costa Leste²⁸, estado onde, um ano depois, aconteceria Woodstock.

No entanto, é em São Francisco que se inicia a época dos grandes festivais, começando com o de Monterrey em 1967, que tornou conhecidos dois nomes imprescindíveis, principalmente por conta da síntese das culturas negra e branca presente em sua música: Janis Joplin e Jimi Hendrix.

Janis Joplin era texana, mas foi em São Francisco que ela iniciou efetivamente sua carreira – influenciada por Billy Holliday e Bessie Smith – ao lado do Big Brother and the Holding Company, grupo com o qual se apresentou em Monterrey. Em relação à Janis, Muggiati nos diz:

“O próprio canto de Janis é uma volta ao berro, no estado bruto, o grito rouco e sofrido de uma raça. Famosa da noite para o dia depois de sua

²⁵ BRANDÃO/DUARTE, p. 48.

²⁶ MUGGIATI, p. 21.

²⁷ FORNATALE, Pete. Woodstock. Rio de Janeiro, Agir, 2009, p.142.

²⁸ FORNATALE, p.143.

atuação no festival de Monterrey em 1967, é exaltada por B. B. King, o ‘Rei do Blues’: ‘Janis Joplin canta os blues com tanto sentimento quanto uma negra’”²⁹.

Jimi Hendrix já era consagrado na Inglaterra, mas após sua apresentação no festival de Monterrey, tornou-se uma referência mundial, pois concretizou a fusão entre o blues e o rock’n’roll, entre o instinto vital de origem africana da música negra e a sofisticação eletrônica criada pela tecnologia branca, desbravando novos caminhos para o futuro do rock³⁰.

Em suma, o rock foi a trilha sonora da contracultura. Muito mais que um movimento musical, principalmente por tudo o que conseguiu expressar, por todo o envolvimento social que conseguiu provocar, é um fenômeno verdadeiramente cultural³¹, que levou meio milhão de jovens à fazenda de Max Yasgur naquele histórico verão de 1969.

Três dias de paz e música

O filme

“Woodstock, de Michael Wadleigh, é um estudo arqueológico de uma nação que existiu durante três dias a um ano. Por causa desse filme, o estado mental de Woodstock tem sua própria história, folclore e mito. Woodstock pode ser o melhor documentário já produzido em termos de estilo e percepção de um evento histórico de massa (...). Daqui a anos, quando nossa geração for atacada por ser tão rigidamente convencional como todas as outras, vai ser bom ter esse filme por perto para mostrar que, por pelo menos um fim de semana, isso não foi completamente verdadeiro”.³²

Essa é a fala do importante crítico de cinema Roger Ebert em relação ao documentário Woodstock, cuja primeira edição³³ foi lançada em 1970. Um filme que

²⁹ MUGGIATI, p. 45.

³⁰ BRANDÃO/DUARTE, p. 52.

³¹ PEREIRA, p. 86.

³² FORNATALE, p. 317-318.

³³ Wadleigh e sua equipe, composta por Larry Johnson, Thelma Schoonmaker, Martin Scorsese, Bob Maurice e Dale Bell, filmaram durante os três dias de festival, conseguindo captar cerca de 170 horas de imagens. Após o contrato assinado com a Warner Bros, o filme foi editado para 3 horas e meia. No entanto, devido ao grande sucesso nos anos seguintes, foram feitas outras edições. A edição que está sendo analisada neste trabalho foi responsável pelo Oscar de melhor documentário no ano de 1994.

explícita, em imagens reais, a essência da contracultura. Daí a importância de ter sido produzido um filme que eternizasse aquele fim de semana de agosto de 1969, onde os ideais da geração de Ebert foram postos em prática efetivamente e que, através do trabalho de Michael Wadleigh, pessoas do mundo todo, inclusive de gerações posteriores, puderam reivindicar a legítima cidadania da Nação Woodstock.³⁴

O festival

Woodstock entrou para a história como a síntese da contracultura, movimento no qual a contestação e recusa aos valores tradicionais de uma sociedade consumista e conservadora é uma constante. No entanto, é importante lembrar que Woodstock foi planejado e até o dia de sua abertura, preparado para ser um grande negócio. A sociedade composta por dois jovens criativos – Michael Lang e Artie Kornfeld – e dois jovens com “capital ilimitado” – Joel Roseman e John Roberts – inicialmente pretendia obter lucro com um grande festival de rock de três dias, repleto de músicos famosos entre a juventude. Para isso, cerca de 200 mil ingressos foram vendidos e concessões foram obtidas. Acabaram perdendo o local original em Walkill e tiveram que trabalhar o dobro na montagem do novo local em Bethel.

Todavia, na tarde de sexta-feira, 15 de agosto, primeiro dia de festival, havia cerca de 500 mil pessoas na fazenda de Max Yasgur, que entraram derrubando as frágeis cercas ao redor do campo. A fala de Chip Monck³⁵ que aparece no filme nos deixa claro que, a partir daí, não se tratava mais de lucro: “É de graça a partir de agora. Isso não quer dizer que vale tudo. A música será de graça. Quem investiu nisso vai perder. Mas essas pessoas têm na cabeça que seu bem estar vale mais que o dólar”.³⁶

Mas para esse bem estar ser mantido durante três dias, os organizadores de Woodstock, cientes de que seu negócio havia se transformado em um desastre financeiro, precisavam de ajuda, que veio de dois lados opostos: a Hog Farm e o Exército norte-americano.

Woodstock é lembrado até hoje pelo fato de não ter sido registrado nenhum evento relacionado à violência, mesmo a platéia sendo constituída de meio milhão de pessoas. Isso se deve provavelmente a Wes Pomeroy, chefe de polícia de Nova York

³⁴ FORNATALE, p. 308.

³⁵ Apresentador do festival, ao lado de John Morris. Ambos integravam a equipe do Filmore, responsável pela parte técnica de Woodstock.

³⁶ WOODSTOCK, Michael Wadleigh, EUA, Warner Bros, 1970.

que, naquela situação, achava necessário criar uma atmosfera para que não houvesse repressão³⁷ em relação a drogas, sexo ou nudez. Entrou em cena a comunidade alternativa Hog Farm, cuja responsabilidade era cuidar da segurança em Woodstock. Também coube à Hog Farm alimentar a platéia. Após o anúncio de Wavy Gravy dizendo “o que temos em mente é café da manhã na cama para 400 mil”³⁸, a comunidade, com a ajuda de voluntários³⁹, alimentaram mais de 170 mil pessoas.⁴⁰

No que se refere à atuação da Hog Farm em Woodstock, é possível dizer que ela foi de grande importância em relação ao festival ter sido o que foi: uma grande comunidade pacífica. Nas palavras de Tom Law⁴¹, “o coração pulsante de Woodstock”.⁴²

Se por um lado, a Hog Farm foi responsável pelo clima de paz no qual Woodstock aconteceu, o governador de Nova York Nelson Rockefeller, por outro lado, quase pôs tudo a perder. Bethel havia sido considerada área de calamidade pelos mais variados motivos – chuva, congestionamento⁴³, grande público – e isso fez com que o governador pensasse na possibilidade de enviar a Guarda Nacional a Woodstock, o que, segundo John Morris, não aconteceu por muito pouco.⁴⁴ Todavia, o próprio Morris o convenceu de não fazê-lo, por um fator óbvio: não fazia sentido mandar soldados empunhando fuzis a um local onde havia pessoas cujo propósito era ter três dias de paz e música. Então, ao invés de fuzis, um helicóptero de Exército foi enviado a Woodstock com equipes médicas. Do palco, o anfitrião Chip Monck dirigiu-se a multidão dizendo: “O Exército não está contra, e sim a favor de nós. Veio nos dar uma mão. 45 médicos, ou mais. Estão aqui sem receber, pois entenderam a coisa”.⁴⁵

Dentre os vários socorros prestados pelos médicos do Exército – o que incluiu principalmente o socorro devido ao excesso em relação ao consumo de drogas – os mesmos foram responsáveis por trazer duas crianças ao mundo em Woodstock. Tal fato fez o cantor folk John Sebastian pensar em voz alta para toda a multidão ouvir que aquilo era uma cidade.⁴⁶ Ou uma nação, como muitos preferem. Mas o mais importante

³⁷ FORNATALE, p. 217-218.

³⁸ WOODSTOCK, 1970.

³⁹ Que vieram de toda parte, desde moradores de Bethel até expectadores da platéia.

⁴⁰ FORNATALE, p. 221.

⁴¹ Membro da Hog Farm que ensinou exercícios de ioga Kundalini em Woodstock.

⁴² FORNATALE, p. 223.

⁴³ Que alterou inclusive a ordem de apresentação dos artistas, que não conseguiam chegar ao local.

⁴⁴ FORNATALE, p. 135-136.

⁴⁵ WOODSTOCK, 1970.

⁴⁶ WOODSTOCK, 1970.

é que muitas pessoas que estavam ali e que até então não compreendiam as atitudes daquela juventude, passaram a compreender, ou pelo menos refletir sobre elas. Observando as filmagens, é possível ver entrevistas com moradores de Bethel e até com um chefe de polícia onde, em suma, dizem que apesar das drogas e do modo como se vestem, “são uma gente linda, de caráter inquestionável, bons cidadãos americanos”.⁴⁷ O mesmo pode-se dizer do jornal New York Times: segundo Roberto Muggiati,

“Woodstock foi um dos acontecimentos do século. Levou a grande imprensa a dar maior atenção à contracultura. Quando milhares de jovens cabeludos começaram a congestionar as estradas que conduziam ao local do festival, o New York Times perguntou: ‘que tipo de cultura é esta capaz de produzir uma confusão tão colossal?’ Dois dias depois, influenciado talvez pelas dimensões da reunião, o mesmo jornal se retratava num editorial mais simpático, em que dizia ser Woodstock ‘essencialmente um fenômeno de inocência’”.⁴⁸

Nesse sentido, pode-se citar Max Yasgur, proprietário do local onde aconteceu Woodstock. Um fazendeiro de meia-idade, alheio à revolução cultural promovida pela juventude, mas que, a partir do negócio fechado com a companhia de Michael Lang e a conseqüente convivência com tudo aquilo durante aquele fim de semana, o fez perceber a essência do movimento. Prova disso é o discurso que Max fez no palco de Woodstock: “Vocês provaram uma coisa ao mundo: um milhão de garotos pode se reunir e ter três dias de diversão e música e nada além disso. Deus os abençoe por isso”.⁴⁹

O discurso de Max nos deixa claro que qualquer um que abrisse a mente o suficiente poderia compreender e simpatizar com a mensagem da revolução.⁵⁰

Em relação a tudo isso, convém ressaltar uma relevante observação de Muggiati: “Nascida do protesto e da rebelião, a contracultura tende a ser assimilada pela cultura oficial (...), mas há também a contrapartida: ao absorver elementos da contracultura, a cultura oficial se deixa modificar (...)”.⁵¹

⁴⁷ WOODSTOCK, 1970.

⁴⁸ MUGGIATI, p. 27.

⁴⁹ WOODSTOCK, 1970.

⁵⁰ FORNATALE, p. 255.

⁵¹ MUGGIATI, p.69.

Claro que a cultura oficial não se deixou modificar para sempre. Mas a postura do Exército, da polícia, da mídia e dos conservadores habitantes de Bethel durante aqueles três dias permitiu que Woodstock entrasse para a história como o maior encontro de pessoas em sintonia para celebrar a paz e o amor.

Novos valores postos em prática

“Cem milhões de músicas serão cantadas hoje. Todos cantarão a mesma coisa, que espero que todos tenham vindo aqui para ouvir. E é tudo sobre você, de verdade. E eu. E todos que estão aqui e os que não chegaram ainda. E os que lerão sobre vocês amanhã. E como vocês são demais. No mundo todo. Se puderem sacar essa realidade. A verdade é isso”.

52

Essas foram as palavras de Richie Havens, na abertura de Woodstock, na tarde de sexta-feira, 15 de agosto de 1969. Uma fala que evidencia a juventude como a maior estrela do festival, independente de estar no palco ou na platéia, além de nos deixar claro o que aconteceria nos próximos três dias: uma convergência verdadeiramente harmoniosa, o começo da revolução da conscientização em larga escala, segundo o depoimento de Carlos Santana⁵³.

Sem sombra de dúvida, Woodstock redefiniu a cultura, o país e os valores de toda uma geração. Foi o marco principal da grande revolução jovem da época, uma onda de transformação musical, política e social.⁵⁴

Importante lembrar que em Woodstock a maior parte da retórica política direta ficou do lado de fora.⁵⁵ Entretanto houve duas importantes exceções: Country Joe Mc'Donald e Joan Baez que, cada qual a sua maneira, explicitaram sua posição contra a Guerra do Vietnã, um conflito que cem por cento dos habitantes da Nação Woodstock tinham verdadeira aversão.

Country Joe Mc'Donald abordou o referido tema na apresentação da canção “I Feel I Like I’m Fixing to Die Rag” (Vietnan Song)⁵⁶, canção esta que aborda com

⁵² WOODSTOCK, 1970.

⁵³ FORNATALE, p. 153.

⁵⁴ FORNATALE, p. 8.

⁵⁵ FORNATALE, p. 61.

⁵⁶ M’C DONALD, Country Joe. I feel I like to fixing to die rag. In: M’C DONALD, Country Joe. Woodstock, Warner Bros, 1970.

extrema ironia⁵⁷ a questão da intervenção norte-americana no conflito. Observando as filmagens, é possível perceber a platéia cantando essa canção como um hino. A esse respeito, o escritor e espectador do festival Bob Santelli diz:

“O Vietnã estava com a gente havia muitos anos e tantos jovens tinham sofrido o impacto do medo da convocação (...). Agora eles estavam em Woodstock e davam o grito de guerra ‘FUCK’⁵⁸ com tanto entusiasmo e emoção que foi como uma descarga emocional de toda a tensão e estresse do que tinham acabado de deixar para trás: a possibilidade de chegar em casa na segunda-feira e encontrar uma convocação na caixa de correio”.⁵⁹

Joan Baez, por sua vez, abordou a questão do alistamento militar obrigatório, se dirigindo à platéia falando sobre a situação de seu marido David, detido por deserção em uma prisão federal.

Em Woodstock, as pessoas experimentavam o coletivismo, ao mesmo tempo em que protestavam contra a intervenção dos EUA na guerra entre os Vietnãs.⁶⁰ Tanto a abordagem de Joe quanto a de Baez caminhavam para isso: conscientizar os jovens em relação ao conflito, seja na questão do alistamento obrigatório, seja na intervenção dos EUA propriamente dita. Uma abordagem que foi muito bem aceita pelo público, na medida em que todos os garotos ali presentes poderiam estar lá um dia.

A contracultura foi um movimento em que jovens buscavam um modo de vida alternativo que os afastasse da repressão da tradicional e conservadora sociedade norte-americana. Nesse sentido, o consumo de drogas se tornou uma constante na vida dos revolucionários da contracultura. A esse respeito, interessante observar o que diz o já referido John Sebastian em relação ao consumo de drogas em Woodstock:

⁵⁷ O que fica claro pelo refrão:

1,2,3, What are we fighting for?

Don't ask me, I don't have a damn, next stop is Vietnam

5,6,7, open the pearly gates

Ain't no time to wonder why, WHOOPÉE! We're all gona die.

(1,2,3, para o que estamos lutando?)

Não me pergunte, não ofereço uma boa resposta, a nova parada é o Vietnã.

5,6,7, abra os portões divinos

Não é hora de perguntar o motivo, WHOOPÉE! Todos nós vamos morrer).

⁵⁸ Santelli está se referindo ao início da apresentação de Country Joe em Woodstock. Antes de tocar Vietnam Song ele soletra em forma de grito de guerra a palavra fuck.

⁵⁹ FORNATALE, p. 67.

⁶⁰ FERREIRA, p. 71.

“Aquele galera já tinha se aproximado pelas forças musicais e pelos intoxicantes – que, se não eram totalmente ilegais, eram ilegais o suficiente para criar uma espécie de comunidade no processo de compartilhá-las. As duas forças – a música e as drogas – tiveram um forte papel, eu acho, não apenas na criação, mas no clima do festival”.⁶¹

Essa espécie de comunidade no processo de compartilhar as drogas, a qual John Sebastian se refere, é explicitada no filme: ao som de “Coming into Los Angeles”⁶², de Arlo Guthrie, se vê jovens preparando e dividindo drogas com pessoas desconhecidas⁶³, pessoas estas que pensavam do mesmo modo, que tinham as mesmas atitudes e que agora, residiam na mesma nação.

O consumo de drogas em Woodstock não foi proibido. Prova disso é o anúncio de Chip Monck, alertando o público em relação a um alucinógeno suspeito: “O ácido marrom que está circulando por aí não é muito bom, mas a viagem é de vocês. Não se esqueçam de que foram alertados”.⁶⁴

Óbvio que as drogas não foram consumidas apenas na platéia, mas também atrás do palco. Observando as filmagens, percebem-se artistas no auge do efeito de alucinógenos. Muitos deles vieram a ter sérios problemas, nos anos seguintes em relação às drogas, alguns inclusive perdendo a vida precocemente em decorrência do consumo excessivo.⁶⁵

No que se refere aos artistas que se apresentaram em Woodstock, é importante dizer que estamos falando de pessoas que, em sua maioria, estavam entre 20 e 30 anos, portanto, jovens. Jovens que, assim como o público, estavam perdidos em uma sociedade repressora e autoritária. Suas canções foram responsáveis pela presença, em Woodstock, de um público astronômico. Canções que diziam o que a perdida geração de 60 queria e precisava ouvir. Talvez por isso, Michael Wadleigh estruturou o filme sendo o palco de Woodstock como uma catedral construída na natureza⁶⁶, para onde peregrinos marcharam rumo à celebração da Era de Aquário.

Não há quem represente melhor a figura de tal peregrino quanto o casal de caroneiros rumo ao festival, entrevistados por Michael Wadleigh para o documentário.

⁶¹ FORNATALE, p.77.

⁶² GUTHRIE, Arlo. Coming into Los Angeles. In: GUTHRIE, Arlo. Woodstock. Warner Bros, 1970.

⁶³ WOODSTOCK, 1970.

⁶⁴ WOODSTOCK, 1970.

⁶⁵ Podemos citar vários artistas que se apresentaram em Woodstock que morreram devido ao consumo de drogas: Janis Joplin, Jimi Hendrix, Tim Hardin, Jerry Garcia, etc.

⁶⁶ WOODSTOCK, 1970.

Em tal entrevista, eles falam sobre drogas, a relação com seus pais e sobre o quanto sua geração está perdida, procurando encontrar respostas em Woodstock. Entretanto, seu interesse é unicamente encontrar um lugar onde possa manter o equilíbrio dentro de si mesmo.⁶⁷ Provavelmente, durante aquele fim de semana esse equilíbrio foi mantido. No que se refere a eles, Michael Wadleigh diz: “Ele estava tão além da própria idade (...). ‘Não sei quem sou, mas a vida é para aprender’. O rapaz estava dizendo isso, que era preciso meter a cara e descobrir os valores por si mesmo”.⁶⁸

Nesse sentido, uma garota, nadando nua no lago da fazenda de Yasgur, diz: “as pessoas não vieram aqui para ficar nuas, mas para entender o que se passa (...). Estamos surgindo no país todo”.⁶⁹ Mas qual a razão para essa geração estar surgindo com tanta força no país todo? Theodore Roszak responde, segundo ele, com uma explicação óbvia: “Os jovens assumem tamanho destaque porque atuam contra um pano de fundo de passividade quase patológica por parte da geração adulta”.⁷⁰

Não apenas em Woodstock, mas desde o surgimento da contracultura, em meados dos anos 60, a juventude estava cada vez mais se afastando dos valores ensinados pela geração adulta, a qual Roszak se refere. A esse respeito, há uma garota que aparece no filme dizendo: “nadar nu é demais, se quiser e puder fazê-lo. Algumas pessoas não podem, pois, mesmo sabendo que é bom, fomos ensinados que é errado”⁷¹.

Voltando ao casal, é possível perceber algo semelhante entre a sua fala e a explicação dada por Roszak: seus pais não compreendem que valores tradicionais citados por eles, tais como inferno e comunismo⁷² podem ter valor para eles, mas não para seus filhos, que em geral compreendem a submissão por parte da geração adulta a tais valores, no entanto, seus pais são incapazes de compreender a recusa dos jovens a eles. Essa recusa aos valores típicos da sociedade tecnocrática é que fazem o movimento da contracultura ganhar destaque.

Uma nova cultura e geração. Nas palavras de Michael Lang, observando, junto ao seu colega sorridente Artie Kornfeld, a “Primeira Exposição de Aquário”, concretizada através de pessoas dançando em meio à tempestade, ao som de latas de

⁶⁷ WOODSTOCK, 1970.

⁶⁸ FORNATALE, p. 42.

⁶⁹ WOODSTOCK, 1970.

⁷⁰ ROSZAK, p. 34.

⁷¹ WOODSTOCK, 1970.

⁷² WOODSTOCK, 1970.

cerveja batendo umas nas outras: “essa cultura e geração está longe da velha cultura e geração. Sem polícia, sem armas, sem roupas, sem grilos”.⁷³

Uma geração de muitos hinos. Hinos contra a guerra de Country Joe Mc’Donald. Hinos psicodélicos do Jefferson Airplane. Hinos para cantar juntos, com as mãos para o alto em sinal de paz⁷⁴, do Sly and the Family Stone e tantos outros. No entanto, foi Jimi Hendrix, na manhã de segunda-feira, 18 de agosto de 1969, com apenas cerca de 30 mil pessoas na platéia, o responsável pela execução do hino, até hoje considerado o oficial da Nação Woodstock. A esse respeito, Carlos Alberto Pereira Masseder faz um comentário, no mínimo empolgante:

“(…) em dado momento, Hendrix inicia uma longa improvisação com a guitarra a partir do tema de ‘Star Spangled Banner’, o hino dos Estados Unidos. Pouco a pouco, através de um som violento e angustiado, a melodia vai sendo literalmente estraçalhada, dissolvida e em seguida, sem nenhuma interrupção, ele começa a tocar ‘Purple Haze’, uma de suas composições mais célebres, com enorme suavidade e delicadeza, numa tentativa de contrapor a desintegração do hino nacional americano, um novo hino da contracultura”.⁷⁵

Após ouvir a releitura de Star Spangled Banner improvisada por Jimi Hendrix, a jornalista especializada em música Ellen Sander, que esteve presente em Woodstock como espectadora, sentiu que o patriotismo estava sendo redefinido. A noção de Nação Woodstock já estava presente.⁷⁶

Uma nação na qual reside uma geração com idade e alma.⁷⁷ Talvez muito jovem na idade, mas certamente de grande alma, na medida em que ela foi a responsável pela criação de uma nova forma de pensar e agir no mundo, através de valores efetivamente revolucionários, livres de preconceitos ou modelos ideológicos pré-estabelecidos. Valores que possibilitaram à formação daquele enorme agrupamento de jovens em Bethel no verão de 1969, e que teve seu lugar marcado na História do século XX como

⁷³ WOODSTOCK, 1970.

⁷⁴ STONE, Sly. Higher. In: Sly and the Family Stone. Woodstock. Warner Bros, 1970.

⁷⁵ PEREIRA, p. 99-100.

⁷⁶ FORNATALE, p. 303.

⁷⁷ One generation got old,

One generation got soul.

(Uma geração tem idade,

Uma geração tem alma).

BALIN, Marty/KUNTNER, Paul. Volunteers. In: Jefferson Airplane. Woodstock. Warner Bros, 1970.

a pré-estréia da sociedade utópica do futuro ⁷⁸. É certo que tal estréia nunca aconteceu. Todavia, é igualmente certo que a Nação Woodstock existiu durante aquele fim de semana e que, para muitos que a habitaram, como o yippie Abbie Hoffman, ela ainda se mantém como um estado da mente ⁷⁹.

Fonte analisada

WOODSTOCK, Michael Wadleigh, EUA, Warner Bros, 1970.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Antônio Carlos/**DUARTE**, Milton Fernandes. Movimentos culturais de juventude. São Paulo, Moderna 1990.

FERREIRA, Neliane M. Paz e amor na Era de Aquário: a contracultura nos Estados Unidos. In: Cadernos de pesquisa do CDHIS – número especial – vol. 33 – ano 18 – 2005.

FORNATALE, Pete. Woodstock, quarenta anos depois: o festival dia a dia, show a show, contado por quem esteve lá. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MUGGIATI, Roberto. Rock: o grito e o mito – a música pop como forma de contestação e contracultura. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

PEREIRA, Carlos Alberto M. O que é contracultura. São Paulo, Círculo do Livro, 1983.

ROSZAK, Theodore. A contracultura – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Rio de Janeiro. Vozes, 1972.

⁷⁸ MUGGIATI, p. 29.

⁷⁹ FORNATALE, p. 11.